

Fotos:Karina Chancey/Divulgação - AFP



Elenco e equipe de *O Agente Secreto* se reúnem em Los Angeles e marcam presença no Oscar

O TEMPERO UNIVERSAL DO CINEMA BRASILEIRO

Especialistas refletem sobre momento do cinema brasileiro após o fim da temporada de premiações. Com carreira consolidada no exterior, Wagner Moura, depois do Oscar, segue com seus sonhos, em português

» RICARDO DAEHN
» MARIANA REGINATO

Quem esqueceu do efeito *Parasita*, em 2020, quando o longa-metragem da Coreia do Sul venceu prêmios de melhor filme e melhor filme internacional, reavivou o espanto? Mas, agora, com o gosto do jeitinho brasileiro, *O Agente Secreto* causou em Hollywood — no melhor dos sentidos — no palco do Dolby Theatre, em Los Angeles, com marcantes quatro indicações para o cinema brasileiro. Um ano depois da vitória de *Ainda estou aqui*, de Walter Salles, o filme pernambucano de Kleber Mendonça Filho ramificou a projeção internacional do Brasil, na festa do 98º Oscar, acompanhada por 20 milhões de norte-americanos, afora o público em mais 200 países. Os gols podem não ter chegado, mas as batidas na trave falaram alto.

“É um filme de que eu gosto muito, por retratar a ditadura de uma outra maneira, que é muito importante, que é mostrar como é que ela se espalhava na sociedade inteira. Não é uma coisa simplesmente ter uma vítima: todos eram contaminados por aquilo. Eu acho que o filme mostra muito bem isso”, destaca a cineasta Lucia Murat. Apesar de todos os problemas vividos pelo cinema no Brasil, em particular a briga pelo VoD (percentual de participação brasileira entre lucros de empresas internacionais que exploram nosso mercado de streaming como Murat enfatiza: “Temos tido realmente uma repercussão internacional muito boa com os nossos filmes — o que dá uma cara muito boa para o cinema brasileiro”, ela emenda. Lucia lembra que houve uma época em que a Argentina estava no topo, em termos de cinema. “Eu estava em Paris, lançando um filme por lá, e tinha só o meu filme de filme brasileiro, numa conjuntura de vários filmes de Argentina, e que eram muito piores do que vários filmes brasileiros. Quer dizer, era claramente uma coisa de onda. Existe uma onda e, então, é maravilhoso que, no momento, a gente seja a onda”, aponta a diretora de Hora do recreio.

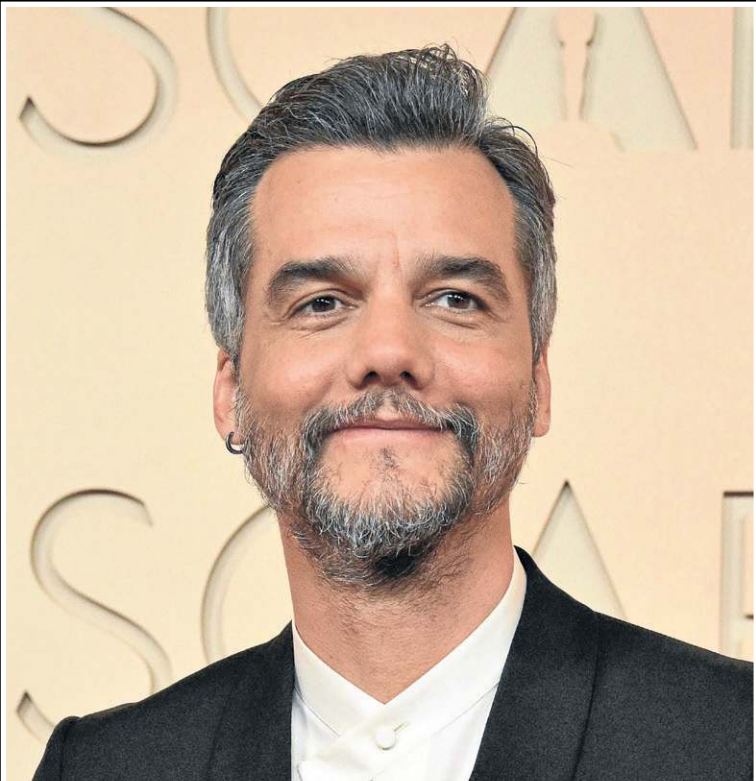
Isabella Faria, crítica cinematográfica e votante no Globo de Ouro, acredita que o cinema brasileiro está em uma ótima onda de criatividade, reconhecimento de diretores, assim como aconteceu com o cinema espanhol e coreano, como afirma Lucia Murat. Para ela, a grande diferença e a solução para aproveitar a boa onda é o marketing em relação aos filmes. “Não adianta a gente ter filmes de qualidade como a gente tem

e produtoras e distribuidoras não terem dinheiro para propagar esses filmes pelo Brasil e pelo mundo. Não adianta nada a gente fazer um filme para mostrar para meia dúzia de pessoas o seu ciclo social”, ressalta. Para a crítica, é necessário inserir os filmes no mercado justamente para valorização do cinema nacional, como foi feito com *Ainda estou aqui* e *O agente secreto*.

Mesmo sem vitórias no Oscar, Isabella ressalta que a trajetória foi muito engrandecedora. “Fomos indicados a quatro Oscars. A gente igualou o recorde de Cidade de Deus. A campanha foi muito bem feita e eu acho que o caminho do filme sobre o cinema brasileiro atualmente é justamente isso. É preciso uma campanha, é preciso dinheiro para a gente ser visto no Brasil e no mundo. Quanto mais filmes a gente colocar no mercado, mais pessoas vão ver, mais pessoas vão querer ir ao cinema e o ciclo continua girando”, finaliza.

Quem se mostrou algo satisfeita com resultados da premiação foi Tatiana Carvalho Costa, presidente da Apan (Associação de Profissionais do Audiovisual Negro). “Os (quatro) prêmios que *Pecadores* recebeu são super importantes para a presença negra no cinema, no geral. O filme e a vitória seguem abrindo caminhos. Cinema é uma construção coletiva e uma arte permanentemente ameaçada. Sobre tudo, cinemas negros. Muita coisa que está em jogo para um filme de um realizador negro existir”, destaca. Claro que Tatiana Carvalho lamenta *O agente secreto* não ter levado. “É fato que brasileiros foram indicados para cinco categorias, neste mesmo ano (contado Adolpho Veloso, diretor de fotografia), e numa festa que não é nossa. É uma festa, fundamentalmente, dos Estados Unidos, mas que projeta os filmes para o mundo inteiro e o efeito disso para o cinema brasileiro como um todo, no sentido de um reforço, de um reconhecimento, reflete, internamente, no país, como exemplo de qualidade e importância do nosso cinema e cultura brasileira”, avalia.

A representante da Apan nota circunstâncias positivas “para nos fazer olhar mais para o cinema negro brasileiro”. O Oscar, obviamente, não encerra um ciclo para o cinema brasileiro, como Tatiana defende. “O cinema negro brasileiro esteve, internacionalmente, no recente Festival de Berlim, com filmes do André Novais Oliveira, da Grace Passô, e da Karen Suzanne. Temos caminhos para onde olhar. É vital seguir vibrando nessa energia boa para o cinema brasileiro que o Oscar despertou e m todos”, arremata.



Produtiva jornada de Wagner Moura

“O personagem que interpreto (em *O agente secreto*) não está tentando derrubar o governo (ditatorial do ano de 1977) — ele apenas está tentando se manter fiel aos seus valores em um mundo onde tudo ao seu redor diz exatamente o contrário”, declarou Wagner Moura em entrevista internacional a *W Magazine*, há dois meses. Na mesma ocasião, ele tratou da recusa em seguir interpretando “traficantes, valentões e latinos”, depois de estrelar *Narcos*, série que contornou a suposta má-vontade dos norte-americanos com obras dependentes de lendas. Questionado, na dança dos idiomas dos quais lança mão, Wagner contou da língua que lidera seus sonhos: o português.

Foi no idioma nativo que o ator, nascido em Rodelas, no sertão da Bahia, deu grandes passos artísticos, como a participação na peça *A máquina* (de João Falcão) e a participação na novela *Paraíso tropical* (2007). Nas telonas, esteve em *Deus é brasileiro* (de Cacá Diegues), *Saneamento básico*, o filme (de Jorge Furtado), e, já com projeção internacional, em *Praia do Futuro* (de Karim Aïnouz). Um caminho e tanto para quem se afirmou ao lado dos astros Ryan Gosling e Chris Evans, no filme *Agente oculto* (2022).

A trajetória de Wagner nos cinemas é nutrida por audácia. Para a composição de Lindo Rico, personagem do longa *Serra Pelada* (2013), ele surpreendeu até mesmo o diretor Heitor Dhalia. “Sem ainda falarmos de caracterização do personagem, um belo dia, vou ao hotel em que Wagner estava, e ele desce, careca, com uma meia-careca. Ele me disse que viu o personagem assim, e sem consultar, raspou o cabelo”, contou o cineasta pernambucano, ao *Correio*.

Na pele de Marcelo (protagonista perseguido de *O agente secreto*), na representação da

ditadura dos anos de 1970, Wagner contou, recentemente, ao veículo estrangeiro Sidewalk Entertainment, do retorno à atuação em português, depois de 12 anos e do anseio acalentado por 20 anos de trabalhar com Kleber Mendonça Filho. Emendou ainda sobre o embrião criativo de *O agente secreto*, derivado da “perplexidade entre 2018 a 2022”, a partir de “um governo fascista” desejosos em resgatar “valores da ditadura”.

O eterno Capitão Nascimento do longa vencedor do Urso de Ouro no Festival de Berlim, *Tropa de Elite* (2007), numa estatura internacional ainda mais sólida, com o prestígio da indicação ao Oscar, observou ao *The Guardian*: “Ainda existe muito preconceito contra nós (do Nordeste). Como ator, se você vai trabalhar no Rio ou em São Paulo com esse sotaque, acaba relegado a interpretar o tipo engraçadinho ou o porteiro. Minha atitude, e a do Kleber (Mendonça Filho, diretor de *Deus é brasileiro*) também, é: ‘Que se dane!’”.

Passada a tempestade e a revolução do período Oscar, Wagner tem alguns focos já estabelecidos para o ano de 2026, que, para ele, parece estar apenas começando, depois do carnaval demandado pela corrida pelo sonho dourado. Além da promessa de apresentação teatral; no Brasil, o astro estará na refeitura de *Gosto de cereja* (clássico do iraniano Abbas Kiarostami) a ser filmado no Brasil, sob direção do argentino Lisandro Alonso, e, ao fim do ano, dirigirá um longa: *Last night at the Lobster*, ambientado em decadente restaurante da Nova Inglaterra. Noutro projeto, conduzido por Rachel Rose, junto com a premiada sueca Alicia Vikander (*A garota dinamarquesa*), Wagner integra o elenco de *The last day*, adaptação de *Mrs. Dalloway* (de Virginia Woolf) movida a discussões sobre maternidade. (RD)